

“NÓS, PROFESSORAS DE DANÇA”: OS DESAFIOS E CAMINHOS PARA A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DO PROFESSOR-ARTISTA AO INGRESSAR NAS ESCOLAS.

Alice Garcia de Araujo¹

Érika Lopes Duarte²

Jay Guimarães Porto³

Maria Eduarda da Cunha Lemos⁴

Prof. Ms. Tauana Oxley⁵

Prof. Dr. Marco Aurélio da Cruz Souza⁶

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo refletir a partir das experiências docentes vivenciadas por cinco professoras atuantes em escolas de educação básica do Rio Grande do Sul e as bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência do núcleo Dança da Universidade Federal de Pelotas. Utilizamos o documentário “Nós, Professoras de Dança” (2019), de Josiane Corrêa, disponibilizado durante o recesso acadêmico como atividade de cunho reflexivo sobre o fazer docente dos profissionais de dança e seus desafios. O conteúdo nos sensibilizou, pois se relaciona com as experiências vividas cotidianamente pelo grupo. Pretendemos discorrer sobre questões relacionadas às estratégias e às vivências pedagógicas que nos constituem enquanto professoras de dança, destacando alguns tópicos considerados essenciais para pensar sobre o processo de ensino e aprendizagem e sobre o preparo dos professores-artistas (Debortoli, 2011; Lampert, 2014; Marques, 2014) para atuar frente aos desafios do contexto escolar. Entre os tópicos elencados, destacamos: a necessidade de repensar as metodologias de ensino do professor-artista para qualificar a aprendizagem dos alunos; a infraestrutura das escolas e como ela influencia no desenvolvimento das aulas; a importância do diálogo com a gestão escolar; os desafios para a construção da imagem como professores de dança, levando em consideração a situação de precariedade do ensino das artes no currículo escolar no Rio Grande do Sul, em específico nas redes públicas de educação básica. Com base nas experiências individuais como professoras e nas experiências coletivas do PIBID, acreditamos que os professores

1 Graduada no Curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal de Pelotas. Bolsista PIBID Núcleo Dança da UFPel. E-mail: alicearaujo.ufpel@gmail.com

2 Graduada no Curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal de Pelotas. Bolsista PIBID Núcleo Dança da UFPel. E-mail: erikaaalopesduarte@gmail.com

3 Graduada no Curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal de Pelotas. Bolsista PIBID Núcleo Dança da UFPel. E-mail: jayjayguimaraes@gmail.com

4 Graduada no Curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal de Pelotas. Bolsista PIBID Núcleo Dança da UFPel. E-mail: m.eduardacunha14@gmail.com

5 Mestra em Artes Visuais pela Universidade Federal de Pelotas. Supervisora PIBID núcleo Dança da UFPel. E-mail: tauana.oxley@gmail.com

6 Doutor em Motricidade Humana na especialidade Dança pela Universidade de Lisboa, Portugal. Orientador PIBID Núcleo Dança da UFPel. E-mail: marcoarelio.souzamarco@gmail.com





de dança nas escolas buscam constantemente pelo reconhecimento da importância de seu trabalho, observando que

isso tem relação com a desvalorização das artes por parte da sociedade como um todo. Diante disso, professores-artistas que atuam com a dança na escola frequentemente sentem a necessidade de defender a sua relevância, tanto para a gestão escolar quanto para toda comunidade escolar.

Palavras-chave: Dança, Educação, Arte, Gestão escolar, PIBID.

INTRODUÇÃO

O ensaio documental de Corrêa (2019) da qual faz parte de sua tese de doutorado “Nós, professoras de Dança” apresentada ao Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), nos foi apresentada como atividade reflexiva realizada durante o recesso acadêmico no núcleo de Dança do Pibid-UFPEL e foi o que nos impulsionou a desenvolver este artigo. O Pibid, se trata de um Programa de Iniciação à Docência que surge como uma oportunidade de ampliar os conhecimentos e experiências dos discentes de licenciatura para desenvolver sua atuação docente nas escolas de educação básica, excluindo o pensamento do conhecimento acadêmico e o conhecimento de experiência como pontos distintos e sem conexão, com o Pibid, essa preparação e atuação dos futuros professores ocorre conjuntamente a formação acadêmica.

É preciso entender a formação e a atividade profissional como processos articulados, superando as justaposições entre formação inicial e continuada dos professores e entre teoria e prática. Assim, a proposição de novas políticas de formação inicial baseadas na parceria entre instituições formadoras e escolas – campo do trabalho docente –, ainda que não configure uma reestruturação dos modelos de formação, pode trazer avanços no sentido de promover maior articulação entre os espaços e tempos nos percursos formativos dos professores. (Ambrosetti; Nascimento, 2013, p. 7)

O programa é um importante aliado na valorização do preparo docente para atuar na educação básica. Nele, a universidade e redes de educação básica se interligam, trabalham coletivamente, o que propicia um diálogo imprescindível entre a comunidade acadêmica e a gestão escolar. Um diferencial do Programa é a concessão de bolsas não só a alunos e professores das universidades, mas também a professores de escolas públicas que acompanham as atividades dos bolsistas no espaço escolar, atuando como co-formadores no processo de iniciação à docência. Com essa iniciativa, os professores de Educação

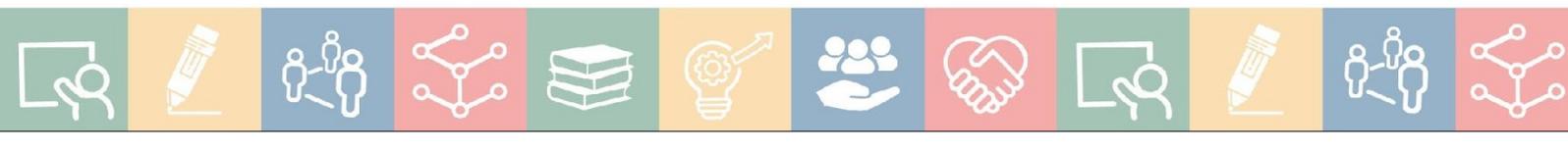


Básica são inseridos nas políticas de fomento, criando-se um elemento de articulação entre as Instituições de Educação Superior (IES) e as escolas (Ambrosetti; Nascimento, 2013).

Assim, se tratando de um importante programa para nós, iniciantes na atuação como professoras, ingressamos com o desejo de aprimorar nossos conhecimentos e acima de tudo, especificamente em nossa área, nos prepararmos da melhor forma possível para os enfrentamentos constantes dos professores de arte nas instituições de ensino básico.

A tarefa de cunho reflexivo nos foi designado pelo professor coordenador do núcleo, o professor doutor Marco Aurélio da Cruz Souza, com o objetivo de reconhecer as vivências, estratégias e desafios do cotidiano das professoras de dança, se tratando de um documentário de mapeamento e de relacionar-se às experiências diversas e, de certa forma, comuns entre as professoras. No documentário “Nós, Professores de Dança”, nos é apresentado um olhar sensível e reflexivo sobre a atuação das professoras de dança no contexto escolar no estado do Rio Grande do Sul. Nele são abordados os desafios e dificuldades enfrentados pelos docentes, pensando na falta de reconhecimento da dança como parte de um componente curricular e até em dificuldades para a adaptação metodológica para as diferentes realidades escolares. O documentário também evidencia que os professores de dança precisam constantemente estar se provando e defendendo a importância do ensino de dança/arte no processo de ensino-aprendizagem, e superar essas barreiras institucionais e estruturais que limitam nossa atuação como docentes.

A partir deste documentário e dos relatos das professoras entrevistadas, pontuamos neste artigo, questões relacionadas às estratégias e as vivências pedagógicas que nos constituem como professoras de dança, destacando alguns tópicos considerados essenciais para pensar sobre o processo de ensino e aprendizagem e sobre o preparo dos professores artistas (Debortoli, 2011; Lampert, 2014; Marques, 2014) para atuar frente aos desafios do contexto escolar. Entre os tópicos elencados, destacamos: a necessidade de repensar as metodologias de ensino do professor-artista para qualificar a aprendizagem dos alunos; a infraestrutura das escolas e como ela influencia no desenvolvimento das aulas; a importância do diálogo com a gestão escolar e os desafios para a construção da imagem como professores de dança, levando em consideração a situação de precariedade do ensino das artes no currículo escolar no Rio Grande do Sul, em específico nas redes públicas de educação básica.



DESENVOLVIMENTO

O trabalho de Corrêa (2019) apresenta cinco professoras de dança, sendo três delas atuantes em escolas da cidade de Porto Alegre (RS) e duas na cidade de Pelotas (RS). Durante esse ensaio, constituído por entrevistas narrativas, as professoras discorrem sobre como a dança surgiu na vida delas e como ela persiste em suas vidas agora como docentes da rede de educação básica, compartilhando momentos marcantes e muitos até mesmo comuns quando se trata dos desafios dos professores do ensino de Arte nas instituições. Todas elas levantam reflexões acerca do contexto da dança na escola e como o ensino da mesma pode ir para muito além de técnicas específicas, promovendo uma diferença positiva na vida dos alunos. Cada uma, assim como nós, tiveram suas primeiras experiências na área de forma artística.

As cinco profissionais entrevistadas afirmam ter tido experiência prévia com práticas de Dança antes da graduação e, referem-se, principalmente, à atuação como bailarinas em grupos e companhias de Dança. As professoras também afirmam que, antes de optar pelo curso superior de Dança, chegaram a prestar processo seletivo para outros cursos superiores e duas delas mencionaram ter iniciado outra formação acadêmica, que foi interrompida no momento em que decidiram cursar exclusivamente a licenciatura em Dança. (Corrêa, 2018, p.154)

Pode-se pensar esse como um primeiro ponto importante de discussão quando falamos da **formação e preparação desses professores**, pois quando ingressamos na faculdade, na maioria das vezes, se pensa a dança apenas como um fazer artístico e não como área de conhecimento que tem um pedagógico próprio, justamente por conta de vivências na mesma. Em sua maioria, as experiências dos estudantes do curso de licenciatura são voltadas para o lado artístico, o que acaba por muitas vezes, ao se depararem com o desafio pedagógico do ser professor sendo o motivo de desistências de ingressantes e desilusões com a profissão.

Deste modo, a discussão da importância de um preparo inicial cuidadoso para os futuros professores, com apoio e com demonstrações das diferentes possibilidades de se trabalhar e da importância da dança como ensino para a formação das pessoas, deve ser mais debatida e refletida, pois a docência, especificamente no campo da Arte, não é simples. O programa de iniciação à docência se apresenta nesse contexto como uma “ferramenta” para se





aprimorar esses desenvolvimentos, e, auxiliar para a construção de nossa imagem/papel como professoras-artistas em sala de aula.

A constatação de que a formação profissional não vem oferecendo aos licenciandos os conhecimentos e habilidades necessários ao enfrentamento das complexas tarefas que lhes são exigidas na sociedade contemporânea, bem como a insatisfação social com o nível de ensino nas escolas brasileiras e os indicadores educacionais que apontam essas fragilidades, vêm levando à crescente responsabilização do poder público pelo desempenho das escolas e professores. Essa situação tem se refletido na proposição de diferentes programas voltados para a melhoria da formação dos professores. (Ambrosetti; Nascimento, 2013, p. 7)

Como estudantes de licenciatura em dança da UFPel, e parte do PIBID, nos deparamos com o famoso despertar do artista para professor. Chegamos com a parte prática, dançada, a parte artística que nos fez nos encantarmos pela área, e universidade com a teoria pedagógica totalmente vinculada com práticas corporais. Esse "despertar" no começo pode parecer um abismo do que devemos dividir, e o que podemos manter, como "criar" a nossa imagem de professor enquanto aluno e ainda com visão do artista em busca de mais. Como contornar isso e saber separar as milhares de ideias que temos ao adentrar em uma escola, que muitas vezes serão vetadas, mudadas por falta da estrutura do espaço e os impedimentos gerais de algumas escolas?

São nesses exatos momentos, sentados na sala de aula como universitários, ou visitando uma escola como futuros professores, que os planos borbulham em nossos corpos, assim como o frio em nossos estômagos, a ânsia por fazer e o desespero do que e como iremos fazer. Propõe-se uma reflexão sobre o professor-artista (Rodrigues, 2011) e o caminho a percorrer para nos encontrar e encaixar, certo que o amor pelo ensino que vamos criando ao decorrer da faculdade, e o amor pela dança que já chega fervente em nós, junto ao PIBID, é o guia que nos vai auxiliando a pensar sobre nossos fazeres e novos saberes.

Mas afinal, **professor e artista ou artista- professor?** Rodrigues (2011) nos faz pensar sobre esta questão. Muitos pensam que ao chegar em sala, deixamos o artista do lado de fora da porta, muitas vezes por conta de normas que nos impõem, que criam empecilhos em seus trabalhos (nossos futuros), mas a mágica da nossa profissão é não precisar separar-se de seu lado artístico, pelo contrário, apenas o somamos com a persona que criamos/tornamos naquele ambiente escolar. Não podemos esquecer do artista que vive em nós, e que por sermos específicos da área de dança, somos muitas profissões em uma só, professor, diretor, ator, figurinista, sonoplasta, cenógrafo, entre outras (Rodrigues, 2011). Entretanto, por sermos o que somos, e exercemos o que exercemos, vivemos em um estado de provação quase que diária sobre o valor dos desenvolvimentos de nossas práticas, do porquê de cada passo, e com





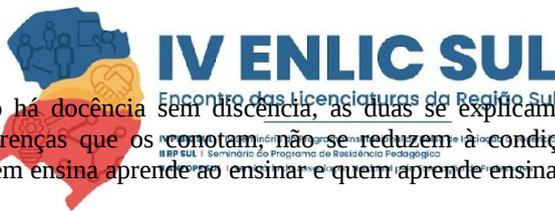
os fundamentos de cada aula, muitas vezes, na ponta da língua e em livros de estudos comprovados.

Não conseguiríamos citar em qual ponto, momento, o professor dentro de nós desperta a nível de nem sempre apenas abaixar a cabeça, mas sim lutar por seu espaço e a importância de sua matéria como todas as outras. É certo que o ambiente escolar implica em algumas limitações que não são encontradas em espaços designados somente para práticas artísticas. Muitas escolas também não compreendem totalmente as necessidades desta prática e do profissional que a realiza. Estas constatações contribuem para que algumas instituições de ensino ainda não sejam compreendidas como espaços que possibilitam processos artísticos e criativos consistentes (Rodrigues, 2011).

Nós, como futuras professoras-artistas que estamos em formação, sempre estamos em constante pensar de como faremos em nossa vez. Algumas de nós já obtiveram certa experiência nas escolas em estágio curriculares obrigatórios, mas temos em mente que quando chegar a hora, não saberemos o que estará à nossa espera, mas sabemos que as pesquisas/escritas, fundamentos que a cada dia se ampliam mais, os professores que nos auxiliam. A mente aberta, a luta por nossa profissão e principalmente as diversas metodologias pensadas e prontas para serem repensadas ou descobertas, serão nossos apoios a nos apegar ao adentrar no desconhecido.

Ao longo dos relatos das professoras entrevistadas no documentário, e a partir de experiências vivenciadas por algumas de nós em sala de aula, encontramos semelhanças relacionadas ao cotidiano de um professor de dança, entre eles, **a necessidade de adequação das metodologias** para se trabalhar na educação básica. Muitas vezes é modificado também pela forma em que a gestão escolar entende a arte e o sistema tradicional de ensino das instituições. Quando pontuamos sobre as modificações nos processos de ensino-aprendizagem entre professor e aluno, apontamos as problemáticas relacionadas ao sistema de ensino das escolas a partir de um olhar mais sensível e educacional, somados ao pensamento de Freire (1996), de que o aluno assim como o professor é transmissor de conhecimento. É importante para nosso papel como professoras, compreender que os alunos possuem suas próprias vivências e repertórios, culturais, sociais, corporais etc, e a partir disso, somar esses conhecimentos aos nossos repertórios docentes, possibilitando a ampliação das metodologias que nos são propostas, trazendo a realidade dos indivíduos para agregar na nossa maneira de ensinar, além de, promover uma melhor relação com os alunos em sala.





Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os **comotam, não se reduzem** à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina,

ensina alguma coisa a alguém. Por isso é que, do ponto de vista gramatical, o verbo ensinar é um verbo transitivo-relativo. Verbo que pede um objeto direto. (Freire, 1996, p.13).

Nesta atual trajetória de graduação em dança, somos instigadas a pensar e refletir sobre as nossas estratégias docentes e como o ensino de dança ocorre na escola. Estes são ensinamentos cruciais que buscamos sempre relembrar e aplicar futuramente em sala de aula, não apenas para buscar uma boa comunicação e convívio com a direção escolar, reflexões que traremos ao longo de nossa escrita, mas exclusivamente para os nossos alunos. Dentre os pontos em comum em cada narrativa de cada professora, a relação construída com os alunos em sala de aula é o mais recorrente durante seus relatos. Cada uma adotou suas estratégias para se buscar essas diferentes relações, para além da ideia hierárquica do professor e aluno que discutimos anteriormente, transformando esse espaço de ensino. Essa construção da relação com o aluno, vem do olhar empático que acreditamos ser fundamentais para se trabalhar como futuras docentes, pois como mencionamos, cada aluno tem uma vivência única, culturas e contextos sociais que devem ser validados e vistos como importantes para proporcionar maior entendimento e conexão sobre os aprendizados vivenciados em sala de aula, algo que vai além de uma metodologia de ensino tradicionalista. De encontro com as questões de metodologia levantadas, salientamos que um dos desafios que acaba atravessando a nossa forma de ensino em sala de aula, é o pouco tempo designado para que nós professores possamos desenvolvê-la. Como apontado por Corrêa; Santos (2014) nossos propósitos de ensino sobre um conteúdo específico de dança muitas vezes não são desenvolvidas da mesma forma se ocorresse em outro espaço que não a escola, a mesma utiliza das danças gaúchas como exemplo para desenvolver sua ideia:

[...] dificilmente, o professor teria tempo hábil para desenvolver um repertório de danças tradicionais gaúchas com seus alunos. Todavia, docente tem a possibilidade de inventar jogos que cumpram com os objetivos pertinentes à sua aula ou até de ensinar alguns passos de algumas danças e seus significados na cultura em que ela é praticada. Numa ocasião como essa, torna-se necessária a contextualização da proposta, para esclarecer aos envolvidos que se trata de uma experimentação pedagógica, diferente dos objetivos originais da criação dessas manifestações (Correa, Santos, 2014, p. 13).



Neste sentido, é importante se pensar em quais estratégias e metodologias próprias utilizamos em sala de aula para ampliar e desenvolver da melhor maneira possível o determinado conteúdo abordado.

O professor de dança na escola teria como desafio configurar uma metodologia de ensino própria, embasada na sua experiência enquanto artista e educador e na relação pedagógica estabelecida com os estudantes, a quem caberá atribuir sentido às práticas de sala de aula (Corrêa; Santos, 2014, p.13)

As estratégias são variadas, partindo de conversas sobre as necessidades e narrativas de cada aluno, utilização de materiais pedagógicos para facilitar as aprendizagens ou investindo em cortinas para as janelas de uma sala, como o exemplo demonstrado no documentário a partir de um relato de uma das professoras entrevistadas, Rebeca Campos. Ela utiliza desta como um estratégia para transformar o espaço, muitas vezes angustiante para os alunos.

Muitas vezes a forma que ensinamos e nossas estratégias pedagógicas, também são afetadas pelas problemáticas existentes na relação entre o professor de dança e a gestão escolar. Quando pensamos nos desafios ao ingressar como professora em uma escola de educação básica, um dos pontos principais e de maior dificuldade para nos docente, é a falta de valorização e comunicação, não apenas com a gestão escolar, mas na sociedade como um todo. Nós, professores de dança, precisamos provar constantemente o porquê da nossa presença e do nosso campo de conhecimento ser necessário na escola, para além de uma técnica específica ou criação de um produto final apenas para datas comemorativas, como geralmente é entendido pela comunidade escolar. Neste sentido, levantamos aqui falas das professoras entrevistadas para refletir, a partir das mesmas, sobre essas grandes dificuldades que as professoras passaram ao ingressar nas escolas e como muitas vezes, uma flexibilização acontece não apenas relacionado a maneira que ensinamos, mas também a maneira que nos comunicamos com essas gestões.

"Às vezes, a gente reclama muito de "Ah, eu não tenho espaço, tenho que trabalhar na sala", a gente reclama muito de estrutura física, mas na verdade o que mais atrapalha, às vezes, o trabalho, é a limitação de entendimento assim da gestão. A diretora não entender o que tu desenvolveste, ela não entender que tu precisas trabalhar fora da sala ela não entender que tu não precisas de uma prova escrita para avaliar o aluno, que não é essa a principal forma que tu avalias, que tu precisas explorar outras coisas, que vai ter coisas que vai parecer



meio maluco, mas que tu vai fazer, porque é necessário [...]” (Professora Ana Paula, Entrevista 24 out. 2017).

“Hoje eu acho que tenho mais autonomia e liberdade para dar a aula que eu quero, mas eu também percebi a necessidade de querer contemplar algumas coisas que a escola pede, a escola é tradicional, tem suas regras e o perfil dela que é peculiar” (Professora Taís.)

A partir das falas das professoras no documentário, identificamos como uma das principais dificuldades das docentes de dança, se trata da relação conflituosa com a gestão escolar. Essa que por sua vez apresenta dificuldades em lidar com os profissionais da área e as demandas da disciplina de dança, principalmente aquelas gestões que não tomam conhecimento prévio de que podem receber na escola um professor com formação em uma área específica de arte diferente da que a escola está habituada a ofertar em seu currículo (Côrrea, 2018 p.199). Dessa forma, gerando situações como o repasse de tarefas destinadas a professores de outras áreas da arte para os professores da Dança, como ocorreu com a professora Taís Prestes, uma das entrevistadas, que relatou para nós, em uma das aulas que lecionou na UFPEL, sua experiência negativa ao chegar no ambiente escolar pela primeira vez, onde se viu obrigada a lecionar artes visuais por uma gestão que não enxergava a dança como uma disciplina essencial, em um primeiro momento. Assim, gerando um sentimento de frustração e não identificação com ambiente de trabalho ao não poder pôr em prática seus desejos artístico-pedagógicos, prezando pela aceitação da comunidade escolar, como já afirmava Corrêa (2018).

Essa foto aqui é de quando eu cheguei na escola. [...] uma foto meio turva, meio cinza, meio embaçada. Foi como eu me senti quando eu cheguei naquele lugar, e quando eu comecei a passar a duvidar da minha importância para aquele lugar, do porquê que eu estava ali e se realmente era isso que eu queria seguir para a minha vida. Então aqui foi o início de uma caminhada bem dura. [...] (Professora Taís Prestes, documentário “Nós, Professoras de Dança”, 2017).

Dessa forma, esses conflitos acabam por gerar desavenças entre a gestão escolar e o professor de dança, em relação à maneira que a aula deve ser desenvolvida. Como por exemplo, o impasse existente em encarregar um docente a tarefa de lecionar artes visuais a um docente graduado em Dança.

Inicialmente, com o foco centrado na aceitação da comunidade escolar acerca da sua presença e do seu ofício, o docente pode apresentar limitações. Por receio de não agradar, ou de não abarcar as demandas da escola, o professor tende a deixar de lado os seus desejos artístico-pedagógicos, gerando mais frustração para si mesmo e tendo dificuldades de se identificar com o ambiente de trabalho. (Côrrea, 2018, p. 265)





Por isso, o debate de como o professor pode utilizar uma comunicação para defender a sua posição, mas também dialogar com as questões organizacionais das escolas, é importante para se pensar nas estratégias pedagógicas do mesmo. O docente iniciante, sente a

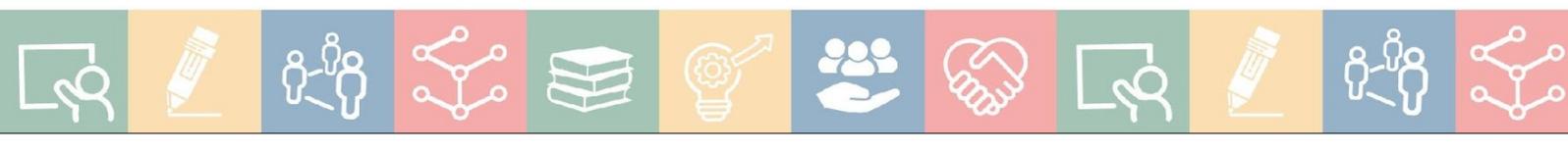
necessidade de mudança urgente e quando passa a vivenciar o contexto de um sistema educacional que julga falho. Obviamente que nós bolsistas, sentimos desejo de buscar uma mudança positiva e rápida na educação, porém, cabe a nós entender que essa mudança não é súbita e facilmente conquistada e que uma estratégia de diálogo com esse sistema tradicional, mesmo em oposição, pode tornar a vivência e o caminho para mudanças mais alcançáveis nesse contexto.

Na fase inicial de trabalho, os professores passam por um processo de reconhecimento, deparam-se com as peculiaridades do contexto no qual estão adentrando, verificam o que é possível desenvolver em sala de aula, quais são as características e limitações no que se refere à infraestrutura, como é a cultura escolar em relação à sua área de conhecimento, dentre outras questões concernentes ao início da carreira em determinado local de trabalho. (Corrêa, 2018, p. 190)

A infraestrutura das escolas conjuntamente aos outros pontos levantados, desempenham um papel crucial no desenvolvimento das aulas de dança, mas pouco se fala sobre como a falta de espaços adequados, como salas amplas e preparadas para práticas corporais acabam prejudicando e comprometendo a qualidade de ensino. Isso limita as professoras de desempenhar suas possibilidades pedagógicas, se tratando de uma das dificuldades que as docentes têm enfrentado no processo escolar.

A infraestrutura escolar (22%; 32) foi a segunda barreira indicada pelos participantes das três áreas de atuação, no tocante aos enfrentamentos internos. Verificamos que são os PA e as PP que mais sentem a falta de espaço adequado para as aulas de dança. Das indicações sobre a infraestrutura escolar, evidenciamos três tipos de problemas: limitação do espaço, estrutura física inadequada e falta de espaço físico' (Sousa; Hunger, 2019, p.7)

Muitas escolas de redes públicas carecem desses espaços, como piso adequado, espelhos ou até mesmo de uma organização do horário escolar que contemplem a disciplina de forma estruturada. Além disso, a ausência de materiais pedagógicos específicos, tanto para alunos quanto para professores, como um equipamento de som de boa qualidade, projetor e entre outros recursos pedagógicos, impactam diretamente na experiência dos alunos. Com tudo isso, professores de dança muitas vezes têm que adaptar suas aulas para espaços que não são adequados, como corredores, pátios ou salas de aulas comuns, comprometendo a





segurança dos alunos e assim também não trabalhando de forma efetiva por conta de estímulos externos, que podem surgir ao longo dessas aulas em espaços adaptados, reduzindo as possibilidades de exploração corporal dos alunos.

Os materiais didático-pedagógicos (25%; 37) foram o principal ponto elencado pelos professores das três áreas de atuação, a respeito dos enfrentamentos internos. Dentre eles, destacam-se as indicações referentes aos recursos didáticos audiovisuais (aparelho de som, televisão, DVDs, CDs, data show, informática, sala de multimídia, vídeos, microfone, etc.) e aos recursos pedagógicos (livros, filmes, artigos, documentários, entre outros). (Sousa; Hunger, 2019, p.6)

A precariedade da infraestrutura também está diretamente relacionada com a desvalorização da dança no ambiente escolar. Quando a escola não disponibiliza condições adequadas para as práticas, reforça mais a ideia de que a dança ocupa um papel secundário no currículo escolar, e quando possui, não se encontra no melhor estado. Desta forma, torna-se essencial que os gestores escolares e políticas educacionais priorizem investimentos na melhoria dos espaços e propostas de recursos para que as aulas aconteçam de maneira digna e eficaz para todos/es.

Os resultados revelam a escassez dos materiais didático-pedagógicos na escola, bem como a burocracia para ter acesso aos materiais necessários para a realização de aulas voltadas para a dança, o que dá indícios da pouca importância atribuída a esse conteúdo pela equipe gestora e órgãos públicos. (Sousa; Hunger, 2019, p.6)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões retratadas sobre o ensino de dança no contexto escolar abordado no documentário e na vivência de várias docentes, evidencia a necessidade de repensar as práticas pedagógicas, para que esta linguagem artística seja mais integrada ao cotidiano dos estudantes da educação básica. Ao longo desta escrita, foi possível perceber que a dança quando abordada de forma significativa, contribui para o desenvolvimento expressivo, criativo e corporal dos alunos, desenvolvendo uma aprendizagem mais ampla e sensível.

É notável que o processo da dança nas escolas enfrenta diversos desafios, como a falta de infraestrutura adequada, escassez de formação específicas dos professores na área e uma necessidade de valorização maior das artes na educação básica. No entanto, também se destacam possibilidades e caminhos para tornar essa prática mais efetiva, como adoção de abordagens pedagógicas que dialogam com a realidade dos alunos e incentivam a autonomia crítica.



REFERÊNCIAS

AMBROSETTI, N. B. et al. **CONTRIBUIÇÕES DO PIBID PARA A FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES**: Educação em Perspectiva, v. 4, n. 1, 4 set. 2013.

CORRÊA, Josiane F. **Nós, professoras de dança**. Alvaroba, 15/03/2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=53MkPISj4v0>. Acesso em: 06/02/2025.

CORRÊA, Josiane F. **Nós professoras de dança: ensaio documental sobre a docência em Dança no Rio Grande do Sul**. Orientadora: Vera Lúcia Bertoni dos Santos. 2018. Tese (Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

CORRÊA, J. F.; SANTOS, V. L. B. Dos. **Dança na Educação Básica: apropriações de práticas contemporâneas no ensino de dança**. Revista Brasileira de Estudos da Presença, v. 4, n. 3, p. 509–526, dez. 2014.

DEBORTOLI, Kamila Rodrigues. **Professor e artista ou professor artista?**. DAPesquisa, v. 6, n. 8, p. 091-098, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia : saberes necessários à prática educativa**. Rio De Janeiro ; São Paulo: Paz & Terra, 1996.

LAMPERT, Jociele. **Pesquisa de prática artística em Arte e Arte Educação**. Florianópolis: ANPED, Disponível em URL: <https://udesc.academia.edu/JocieleLampert>, 2014. (×)

SOUSA, N. C. P; HUNGER, D. A.C. F. **Ensino da dança na escola: enfrentamentos e barreiras a transpor**. Educación Física y Ciencia, v. 21, n. 1, p. e070, 12 jun. 2019.

